

**“Cidadezinha do liberalismo” no Brasil do século XXI:
das cercas de madeira aos muros de vidro**

**“Little town of liberalism” in Brazil of the 21st century:
from the wooden fences to the glass walls**

Verli Petri¹
Robson Severo²

Resumo

Este artigo busca explorar a história da palavra “liberalismo” no interior de instrumentos linguísticos produzidos nos últimos quase quatro séculos (XVIII, XIX, XX e XXI) de produção dicionarística em Língua Portuguesa. Para isso, utilizamos o dispositivo de interpretação da Análise de Discurso francesa (AD) junto à perspectiva da História das Ideias Linguísticas (HIL). Para além da descrição da pesquisa realizada no interior dos dicionários, propomos também entrar nas peculiaridades do discurso político do Brasil no século XXI, levando em consideração as condições de produção, as ideologias em tensão e o funcionamento de uma teoria materialista (histórica e dialética) capaz de explicitar os processos que fazem da história o que ela é, posta em materialidades passíveis de gesto(s) de interpretação.

Palavras-chave: *Análise de Discurso. História das Palavras. Liberalismo. Discurso Político. Brasil*

Abstract

This article aims at exploring the history of the word "liberalism" within linguistic instruments produced in the past almost four centuries (18th, 19th, 20th and 21st) of dictionary production in Portuguese. For this, we employ the French Discourse Analysis interpretation device with the perspective of the History of Linguistic Ideas. Besides describing the research done within dictionaries, we also propose to analyze the peculiarities of Brazil's political discourse in the 21st century considering the conditions of production, the ideological tensions and the operation of a (historical-dialectical) materialist theory capable of clarifying the processes that make history what it is, putting it in materialities liable to gestures of interpretation.

Keywords: *Discourse Analysis. History of Words. Liberalism. Political Discourse. Brazil*

Recebido em: 23/04/2021.

Aceito em: 31/05/2021.

¹ Professora Associada IV do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - PQ2. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3132-3438>.

² Discente do curso de Letras na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista de PIBIC/CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8526-7844>.

Para começar: uma epígrafe, quase um prólogo...

“Os mendigos tradicionalmente ficam em portas de igrejas porque supõe-se, quem entra numa igreja dará esmola para ficar bem com Deus antes de visitar sua casa e quem sai dará porque está cheio de espírito cristão. Mas um mendigo moderno resolveu inovar, estudou atentamente o noticiário e foi fazer ponto na porta do Banco Central, que estava dando dinheiro a quem pedisse. Foi um fracasso. Ninguém do Banco Central dava esmola. Passava terno azul, passava terno azul e nenhum botava a mão no bolso. O mendigo leu mais um pouco o noticiário e decidiu mudar a tática. À mão estendida e ao olhar acrescentou um texto. Quando passa alguém, dizia: “Uma esmola, para evitar a crise sistêmica”. Os ternos continuavam passando, mas agora, pelo menos, olhavam para o mendigo. Finalmente, um não se conteve, parou e perguntou: “Que foi que você disse?”. “Uma esmola para evitar a crise sistêmica”, respondeu o mendigo. E continuou, já que começara a juntar gente para ouvi-lo: “Se eu não levar dinheiro para casa, minha mulher tem um ataque de nervos e bate em mim, e vamos os dois para uma fila do SUS agravar o problema da saúde pública no Brasil com sérios reflexos na imagem do governo e possíveis consequências em nível ministerial, com o Serra, que todos sabem como pode ser chato, pedindo mais dinheiro para o setor. Meus 17 filhos, sem ter o que comer, começarão a assaltar, pondo em risco a vida de um cidadão e aumentando a exigência de mais recursos para a segurança. Minha sogra que é maluca, pode muito bem cumprir a ameaça de pôr fogo no barraco, e o fogo fatalmente se alastrará por toda a favela, criando um caos de dimensões inimagináveis que redobrará a cobrança de mais investimento social por parte do governo, além de espantar investidores internacionais”.

O pessoal do Banco Central estava se divertindo com o mendigo, mas ninguém ainda botara a mão no bolso. Até que o mendigo arrematou: “E com tanta pressão sobre o governo para dar dinheiro para o essencial, vai faltar dinheiro para o Banco Central dar aos bancos”. Foi o que bastou. Com o horror estampado no rosto, todos se cotizaram para dar uma grande esmola ao mendigo e acertar um esquema de doações diárias”. (VERISSIMO, 1999, p. 211)

Como percebemos a cidade da palavra “*liberalismo*”

O desejo de saber mais sobre a história da palavra “*liberalismo*” surge no interior do desenvolvimento de um projeto maior denominado “A surpreendente história das palavras que fazem do discurso político o que ele é no início do século XXI no Brasil”³, que visa a explorar uma série de palavras que fazem do discurso político do século XXI o que ele é e o que pode ser observado nas mídias digitais em nosso cotidiano. Nossa escolha parte da premissa de que há “a imbricação de dois reais: o da língua, em sua autonomia relativa, e o da história, apreendido a partir da contradição das forças materiais que nele se afrontam” (COURTINE, [1986] 2009, p. 235), recortando o espaço do discurso político entendido como aquele que não separa “a materialidade da língua (um ou vários funcionamentos formais determinados) e materialidade do discurso (um conjunto de processos identificáveis no corpus discursivo)”.

Pretendemos contribuir com um possível gesto de interpretação no âmbito do discurso político, considerando os sentidos que movimentam em relação ao Estado, bem como seu funcionamento em artefatos históricos que contam a história da palavra “*liberalismo*” a partir de uma linha cronológica, mas não linear, construindo efeitos que ora são mantidos, ora alterados, atualizados. Buscaremos a definição da palavra tal como está posta nos dicionários em pelo menos 300 anos de produção dicionarística em Língua Portuguesa.

³ Projeto esse registrado por Verli Petri, professora associada IV da Universidade Federal de Santa Maria e pesquisadora do CNPq-PQ, nível 2.

Para essa visita histórica à palavra “*liberalismo*”, levamos em consideração o fato de ela estar diretamente ligada às fundamentações filosóficas e práticas da construção das políticas brasileiras no século XXI, como tentamos demonstrar em nossas análises. Sendo assim, pretendemos contar um pouco sobre a história dessa palavra tal como está dada por dicionários dos séculos XVIII, XIX, XX e século XXI. Da mesma forma, propomos um gesto interpretativo de como esse discurso funciona na contemporaneidade, sobretudo pensando no discurso proferido pelo Ministro da Economia do Brasil (2019 – 2021), em 2020, respondendo dúvidas e explicando seu posicionamento a respeito da pandemia da COVID-19⁴.

Nos apropriaremos da perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso francesa (AD) e suas relações com a História das Ideias Linguísticas (HIL) para propormos um gesto de leitura baseado no dispositivo de interpretação pecheuxtiano, a fim de entender como os verbetes com suas definições comparecem nos instrumentos linguísticos selecionados e produzem efeitos de sentidos, constituindo “diferentes posições de sujeito que se inscrevem numa formação discursiva própria” (PETRI, 2008, p. 14). Vale dizer que, em nosso entendimento, os dicionários podem recuperar fragmentos das histórias das palavras, pois são tomados como “um observatório dos discursos em circulação” (NUNES, 2010, p. 10). Nesse viés, compreendemos que considerar as palavras postas nesses instrumentos é “lidar com a incompletude da linguagem, que afeta qualquer discurso” (NUNES, 2010, p. 8) e essa incompletude ou possíveis lacunas, do ponto de vista discursivo, não são erros ou defeitos do dicionário, mas fazem parte mesmo de sua constituição, na qual alternam-se saturações e faltas.

Concordamos também com Nunes (2010, p. 15) a respeito dos dicionários, quando nos ensina: “o que está sustentando ambos é o desejo/necessidade de controlar os efeitos de sentido que o verbeito [...] poderia vir a produzir, seja via manutenção seja via atualização”. Portanto, olharemos para o dicionário pensando nesse mecanismo de manutenção/atualização próprio ao dispositivo analítico. No entanto, lembramos que não faremos uma pesquisa linear, cronológica e detalhada, pois entendemos a importância da história por “ter seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos)” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 18). Por isso, interessa-nos saber como as acepções da palavra “*liberalismo*” são mantidas ou atualizadas em diferentes momentos da discursivização do saber posto em instrumentos linguísticos. Em outras palavras, nos interessa “explicitar as devidas relações entre os verbetes, as definições e os exemplos, constitutivos de cada dicionário, buscando demonstrar as aproximações/os distanciamentos, as reiterações/as alterações de sentido” (PETRI, 2018, p. 10) no interior dos dicionários.

Trazemos a crônica “O mendigo do Banco Central”, na abertura deste texto, para fazer ilustrar o espaço citadino e capitalista ao qual se vincula o discurso que estamos estudando. Vamos além do que está posto nos dicionários, mas entendemos que eles nos dizem muito do que uma sociedade constrói através do tempo e pelas palavras. Concordamos com o professor Jose Horta Nunes (2010) quando ele nos diz que:

[...] do ponto de vista discursivo, todo falante estabelece uma certa relação com as palavras, selecionando-as para seu uso e atribuindo-lhes sentidos, isso de forma pré-consciente ou inconsciente, e afetados pela

⁴ “A COVID-19 (termo em inglês que significa Corona Virus Disease 2019) é uma doença infecciosa respiratória causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. O quadro clínico pode variar de infecções assintomáticas a infecções respiratórias graves”, conforme explicita o Observatório de informações em saúde da UFSM. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/observatorio>. Acesso em: 12 dez. 2020.

ideologia, ou seja, inseridos em uma outra formação discursiva na qual se constituem como sujeitos do seu discurso e de suas palavras (NUNES, 2010, p. 10).

De fato, nosso gesto de interpretação recupera um pouco do que se apresenta na crônica, fazendo um percurso mais ou menos parecido com o do mendigo, só que nossa esmola é a palavra “*liberalismo*”. Vale dizer de largada que o nosso percurso é também um pouco do que o atento e estudioso mendigo propõe. Pode ser que, em algum momento, estejamos pedindo esmola na frente da Igreja, mas sempre em direção ao Banco Central, mesmo sem saber muito bem o que há por lá. Essa metáfora voltará ao final, mas para suspendê-la, por ora, podemos dizer, na linguagem de Veríssimo: que assim como a palavra “*liberalismo*” é o nosso ganha pão neste artigo, também é o que faz nosso filho não assaltar na rua. Os dicionários são lugares ricos e que têm muita esmola para oferecer. Da mesma forma, o discurso político do século XXI, no Brasil. Ambos ricos em liberalismo, em momentos e forma diferentes (ou não). No esforço em manter um caminho diferenciado e pleno em metáforas, vamos então traçar um percurso pela Vila dos Dicionários, pelo Condomínio do Discurso Político e finalizar com o Evento da Cidade do Liberalismo.

Explorando a região da Vila e suas cercas de madeira

Vamos então à região da Vila e suas cercas de madeira. Podemos descrevê-la como um lugar aparentemente muito seguro e controlado, pois nela residem os instrumentos linguísticos – comumente chamados de/conhecidos como dicionários⁵. Quando batemos de porta em porta, eles nos recebem com um sorriso estampado no rosto e muita felicidade por poder ajudar em nossa busca pela palavra “*liberalismo*”. Entendemos que “o dicionário não tem como dar conta da totalidade, da completude de uma dada língua, ele se constitui também de escolhas determinadas pela ideologia” (PETRI, 2020, p. 40). Sabemos também que a questão teórica que perpassa esta reflexão “é a da produção de efeitos de sentido sobretudo da tensão que se apresenta pela necessidade de se definir palavras a partir do lugar de onde está se falando” (PETRI, 2020, p. 38). Sendo assim, usamos as cercas de madeira como metáfora para apresentar a Vila dos Dicionários, porque eles são instrumentos que ocupam um espaço controlado, o da “língua imaginária” (ORLANDI, [1999] 2015). Importa lembrar que uma cerca de madeira não é um bloco denso, ela se constitui de espaços fechados e de aberturas, alternam-se os vãos entre suas delimitações e por esses vãos podemos espiar, puxar, empurrar sentidos. Pelos vãos se espremem e se liberam os sentidos que habitam o mundo dos sujeitos falantes, fazendo referência aqui à “língua fluida” (ORLANDI, [1999] 2015).

Podemos pensar as condições de produção, a circunstancialização, como aquilo que delimita. Então, consideramos esse limite da cerca, a madeira utilizada e as razões para as escolhas do martelar...todos esses detalhes fazem parte do gesto analítico. Afinal, as condições de produção são entendidas, prioritariamente, numa perspectiva advinda do materialismo histórico, que nos permite afirmar que um sujeito, em dado momento histórico, sob dada dominação ideológica, interpreta diferentemente por ser afetado pelos acontecimentos de sua época, constituindo-se historicamente. Como já dissemos:

[...] entendemos que a tomada de posição do sujeito, interpelado ideologicamente e inscrito prioritariamente em uma dada formação

⁵ Cf. Auroux (1992), que considera gramáticas e dicionários como instrumentos linguísticos basilares para a gramatização de uma língua.

discursiva, determina – sob dadas condições de produção – uma espécie de seleção de sentidos possíveis para palavra [...] estabelecendo um campo de disputa pelos sentidos que devem ou não prevalecer no imaginário coletivo naquele momento histórico e político (PETRI, 2020, p. 40).

Partiremos, finalmente, a bater de porta em porta, pois assim faremos ao analisarmos a palavra “*liberalismo*” no interior de oito dicionários. Buscaremos saber como estão dadas as manutenções/atualizações (PETRI, 2008) em determinadas condições de produção. A partir do entendimento de que “a ideologia trabalha para que seu funcionamento seja dissimulado no interior do discurso, promovendo o efeito ideológico que faz o consulente acreditar que o dicionário é completo, neutro e transparente” (PETRI, 2020, p. 42). Então, ao visitar os dicionários, pretendemos problematizar, aumentar e extrapolar essas cercas de madeiras, afinal compreendemos que “*liberalismo*” é uma palavra que pode ser generosa e, ao mesmo tempo, traiçoeira, ela não pode ser contida em uma cerca de madeira – plena em frestas –, pois os sentidos escapam, se estreitam e se alargam. Tudo isso se constrói sem que necessariamente percebamos a movimentação, posto que se realiza nas práticas sociais que nos constituem como sujeitos do e no discurso.

Sobre os dicionários: do mais velho sábio ao mais novo atrevido

Como dito anteriormente, os dicionários utilizados para esta pesquisa traçam um percurso histórico, pois são publicados em condições de produção diferentes. Afinal, “é pelo funcionamento na língua e no discurso que as palavras vão agregando sentidos outros para além do que o dicionário propõe [...] o movimento é invariavelmente das práticas sociais para o dicionário e não vice-versa” (PETRI, 2020, p. 56). Assim, antes de iniciarmos propriamente a olhar para o verbete “*liberalismo*” em diferentes momentos da história, precisamos apresentar os instrumentos linguísticos selecionados para este estudo. Eles são de diferentes séculos e a palavra nem sempre compareceu, assim nossa solução metodológica foi de buscar palavra que se aproxima pelo étimo. O quadro 1, a seguir, foi elaborado por nós para apresentar informações acerca dos dicionários:

Quadro 1: Informações sobre os dicionários considerados.

Autor	Nome	Ano	Editora	País	Edição	Século
Antonio Moraes Silva com base em Raphael Bluteau	<i>Dicionario da Língua Portuguesa recopilado dos vocabulários impressos até agora</i>	1789	Typographia Lacerdina	Portugal (Lisboa)	2ª ed.	XVIII
Antonio José de Carvalho e João de Deus Morais	<i>Dicionario Prosodico de Portugal e Brasil</i>	1878	Pacheco & Barbosa, Lopes do Couto e Filhos	Portugal (Lisboa) e Brasil (Rio de Janeiro)	“Nova Edição”	XIX
Francisco de Almeida	<i>Novo Diccionario Universal Portuguez</i>	1891	Livraria Editora	Portugal (Lisboa)	1ª ed.	XIX
Francisco Fernandes	<i>Dicionário Brasileiro Globo</i>	1952	Editora Globo S.A.	Brasil	8ª ed.	XX
Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e J.E.M.M.	<i>Novo Dicionário de Língua Portuguesa</i>	1975	Editora Nova Fronteira	Brasil	1ª ed.	XX
Instituto Antônio Houaiss	<i>Dicionário Houaiss Eletrônico</i>	2001 a 2009	Objetiva	Brasil	Edição eletrônica	XXI

Francisco Júlio de Caldas Aulete	<i>Dicionário Aulete Online</i>	1881 a 2021	Editora Lexicon	Portugal (Lisboa)	Atualização colaborativa supervisionada	XXI
Empresa Google	<i>Google Dictionary</i>	2009 a 2021	Algoritmo e banco de dados	Internet	Algoritmo e banco de dados	XXI

Fonte: Elaborado pelos autores.

O curso da palavra liberalismo na “Vila” dos Dicionários

Olharemos para dentro de cada um dos oito dicionários selecionados perseguindo a palavra “*liberalismo*”, nossa esmola, e suas acepções. Nosso interesse vai na mesma direção do mendigo narrado por Verissimo (1999): tentamos sair de todos os outros discursos rumo ao discurso político. Vale lembrar que tomamos o conceito de discurso de acordo com Orlandi ([1999] 2015, p. 13), que nos diz que “o discurso é assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando [...] essa mediação que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive”.

Dicionario da Língua Portuguesa (1789)

No século XVIII, ainda não existia a palavra “*liberalismo*” como verbete dicionarizado em Língua Portuguesa. O que encontramos é a palavra “liberal” que, para Bluteau e Silva, significa alguém que, com prudente moderação, gratuitamente e com boa vontade, dá dinheiro ou coisa que o valha. Esse adjetivo se diz também dos pródigos. Portanto, alguém que não tem a pretensão de acumular riquezas além do que é preciso. Liberal então é um sujeito moderado e bondoso.

Figura 1: Captura de tela da obra tal como foi digitalizada e disponibilizada pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

LIBERAL. O que com prudente moderação, gratuitamente, & com boa vontade dá dinheiro, ou coisa que o valha. *Liberális, is. Masc. & Fem. le, is. Neut. ou munificus, ou beneficus, ou benignus, ou largus, a, um. Cic.* He para advertir que este adjectivo se diz tambem dos prodigos, pois no livro 2. dos officios diz Cicero: *Omnino sunt genera largorum, quorum alteri prodigi dicuntur, alteri liberales.* Por isso poem este Orador *Largus* com outros adjectivos synonymos, quando usa delle, *Largus, beneficus, liberális, &c.*

Fonte: *Dicionario da Língua Portuguesa* (1789).

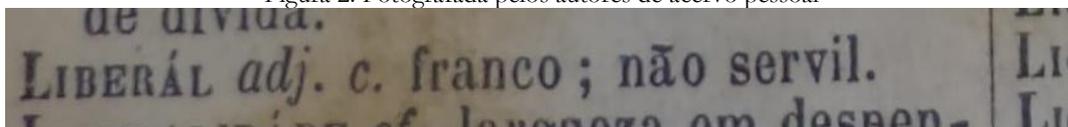
Pontuamos a palavra “liberal” porque, com os desdobramentos nos próximos dicionários, ela será fundamental, uma das palavras que comparecerá em grande parte do nosso caminho pelo efeito “palavra-puxa-palavra”, que Petri (2018, p. 10) define como “o que possibilita a explicitação de processos de continuidade/descontinuidade ou de construção de paráfrase e polissemia”. Essa ausência nos faz entender que o vocábulo “*liberalismo*” ainda não estava circulando nos instrumentos linguísticos de Língua Portuguesa na Europa, tampouco no Brasil, afinal o país estava vivendo a reconstrução promovida por Marquês de Pombal, resultado da independência das colônias inglesas na América (1776), e

os efeitos da revolução francesa (1789), já que, nas palavras de Lília M. Schwarcz e de Heloisa M. Starling ([2015] 2018, p. 150), “na França a Revolução derrubou o que parecia estável [...] desmontava um arranjo político duradouro que coloca na figura do rei um ícone solar [...] Luís XVI era condenado à guilhotina em 1793. Essa morte constituía o prenúncio de muitas outras, simbólicas ou não”. Concordamos com as historiadoras, posto que, nesse momento, o sujeito-liberal, na Europa em período de revolução industrial, é generoso, bondoso que quer o bem do próximo e o pródigo que dá aos que não têm. Tira dos ricos (monarquia) e dá aos pobres (plebeus). A esse propósito, podemos acrescentar aqui a importância da publicação da *Encyclopédie* francesa, construída por Diderot e D’Alembert – empreitada que se realizou entre os anos de 1751 e 1772 – e que carrega em seu bojo a definição de “liberalité”, na qual identificamos características morais atribuídas àqueles que são capazes de doar seus bens, conseguem ser benevolentes, enfim, aparece como uma virtude.

Dicionário Prosodico de Portugal e Brasil (1878)

No segundo dicionário, já no século XIX, a busca pela palavra “liberalismo” continua. No *Prosodico* (1878) também não há a presença do vocábulo. No entanto, igualmente ao dicionário do século XVIII, conseguimos obter o significado de “liberal” como um sujeito que é franco e não servil. Houve aí uma atualização contrastante em comparação ao anterior, que falava em boa vontade, moderação. Agora liberal é aquele que tem franqueza e que não serve a um outro. Acontece então um desdobramento no significado de liberal nos dicionários, um deslocamento de sentidos.

Figura 2: Fotografada pelos autores de acervo pessoal



Fonte: *Dicionário Prosodico de Portugal e Brasil* (1878)

Refletindo sobre as condições de produção do discurso dicionarístico, podemos acionar as palavras de Orlandi ([1999] 2015, p. 48), quando explica que “a forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso [...] pode tudo dizer contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos de assujeitamento”. Assim sendo, é que nos propomos a verificar o que está acontecendo no Brasil e em Portugal. Tais condições de produção nos possibilitarão um gesto de interpretação fundamentado no materialismo histórico pela observação do processo de assujeitamento. Na Europa, exigia-se liberdade, mas no Brasil, na monarquia de Don Pedro II, estava chegando lentamente “o espírito de revolta”, como pontuam Lília M. Schwarcz e Heloisa M. Starling ([2015] 2018):

[...] a Coluna Prestes/Miguel Costa (grupo revolucionário) atravessou o país, percorreu mais de 25 mil quilômetros e cruzou 12 estados brasileiros [...] transformou-se no símbolo dos tenentes que desejavam ver o Brasil mudado. Ganhou admiração dos setores médicos urbanos e converteu Luís Carlos Prestes no Cavaleiro da Esperança (SCHWARCZ; STARLING, [2015] 2018, p. 256).

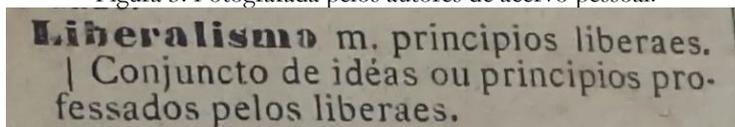
Sendo assim, posto que, no Brasil, vivia-se em um momento de mudança nos representantes do Estado, em que o Estado Imperial, já não mais Estado Monárquico, se

desentendia com a Igreja em torno da maçonaria, podemos dizer que o rompimento cristão começava a interferir na gestão pública predominantemente católica. O liberal agora não serve à Igreja Católica e ao Estado, ele é franco e tem um pensamento pródigo à época. Vale imaginar em que posição estavam os escravos, uma vez que a Lei Áurea estava sendo feita nesse momento e, em breve, eles teriam liberdade (ou não). Os dicionários correspondem também ao momento histórico, representam na língua muito do que a sociedade está vivendo. Então, recuperando a metáfora, o nosso mendigo começa a se movimentar da porta da Igreja à porta do Banco Central.

Novo Dicionario Universal Portuguez (1891)

Batendo de porta em porta, no *Universal* conseguimos encontrar o verbete “*liberalismo*” representando um conjunto de princípios professados pelos liberais, justificando nossa busca em dicionários anteriores pela palavra. Colocamo-nos a pensar se esses princípios são da ordem dos liberais benevolentes, generosos, prudentes, francos, de um entrelaço deles ou de um outro liberal. Esse liberal é o que quer direitos iguais para todos ou quer apenas direitos iguais para os semelhantes a eles?

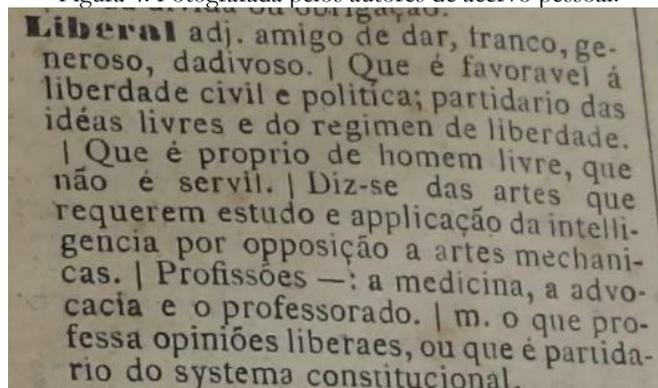
Figura 3: Fotografada pelos autores de acervo pessoal.



Fonte: *Novo Dicionario Universal Portuguez* (1891).

Para sabermos de que liberal fala o *Dicionário Prosódico*, temos que fazer o movimento “palavra-puxa-palavra” (PETRI, 2018) em busca de “liberal”. Ao fazermos essa pesquisa, encontramos esse sujeito-liberal como alguém que é amigo de dar, generoso, dadivoso, das artes que requerem estudo e aplicação da inteligência por oposição às artes mecânicas. Até então, soma-se a um discurso muito semelhante ao do dicionário do século XVIII. Contudo, liberal também é aquele que é favorável à liberdade civil e política, partidário das ideias livres e do regime de liberdade. Mais um desdobramento, então da ordem do discurso político, e estamos falando agora de liberdade política e não só de generosidade por si. E tal discurso é o que nos interessa! No entanto, vale recordar que o “regime de liberdade” estava sendo reivindicado pelos cristãos protestantes europeus e, nessa esteira, a carta de abolição dos escravos só foi sancionada por esse movimento cristão que percebia a liberdade das colônias que tivessem os mesmos valores morais. Os que ousassem se revoltar, assim como os protestantes, eram assassinados. Eis o verbete:

Figura 4: Fotografada pelos autores de acervo pessoal.



Fonte: *Novo Dicionário Universal Português* (1891).

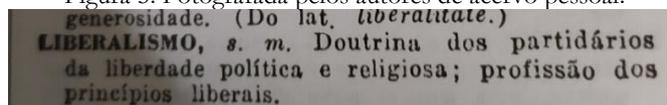
Assim, amparados pelo dispositivo de interpretação da AD, que “visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 24) e que “não procura um sentido verdadeiro atrás de uma ‘chave’ de interpretação”, interrogamos as razões que fazem o Estado aparecer, explicitamente colocado, pela primeira vez, no *Novo Dicionário Universal Português*, no final do século XIX. Afinal, como a Corte habitava o Brasil, após ser expulsa da Europa, o comércio precisava ser remanejado às Américas. Vale pontuar também que liberal é, em 1891, quem professa opiniões liberais ou que é partidário do sistema constitucional e, ainda, os sujeitos liberais são aqueles que atuam na área da medicina, advocacia e professorado, ou seja, pessoas com estabilidade e segurança material. Sendo assim, os princípios do liberalismo, nesse período, são ligados diretamente à liberdade civil e política, representada por Médicos, Advogados e Professores da época e têm fundamento principalmente nas artes que requerem estudo e aplicações inteligentes por oposição às artes mecânicas. Diante disso, fica o questionamento: a liberdade não existe para quem trabalha no campo ou nas fábricas?

Ao tomarmos esses sentidos como parte do discurso, estamos usando como base a metodologia analítica que Nunes (2010, p. 7) chama de “os três procedimentos de leitura crítica dos dicionários: a identificação de lacunas, a análise de posições de definição e o questionamento dos exemplos”. Se pensarmos no “rosto” da campanha do liberalismo, em 1891, temos como exemplos as profissões já ditas e os tenentes recuperados pela figura do Cavaleiro da Esperança. Será que essas pessoas eram cristãs ou tinham seus princípios baseados em outras religiões? Como eram vistas no Brasil outras religiões que não as cristãs? O Dicionário em estudo foi publicado em Portugal, mas circula nos países de Língua Portuguesa, tais como o Brasil. Nosso movimento de análise se realiza com base nessa realidade, estabelecendo relações históricas e sociais. Ao trazer para o Brasil atual, os Médicos, Advogados e Professores têm a frente desse sujeito liberal e cristão? Qual a resposta mais comum para a questão de para onde vamos depois que morremos? Médicos e Advogados seguem sendo denominados de “profissionais liberais”, podem trabalhar “desvinculados” de uma instituição, enquanto os Professores passam a ser vinculados a instituições educacionais invariavelmente. Quando pensamos no liberalismo, são essas as profissões que nos vêm à mente? São perguntas que não precisam ser respondidas diretamente, mas nos permitem pensar sobre nosso momento sócio-histórico, sobretudo no momento pandêmico atual.

Dicionário Brasileiro Globo (1952)

Adentrando o século XX, selecionamos um dicionário do ano de 1952, no qual temos o significado da palavra “*liberalismo*” como doutrina dos partidários da liberdade política e religiosa. É a primeira vez, nesta pesquisa, que aparece a palavra doutrina relacionada ao significado do verbete, ou seja, uma atualização. No mesmo dicionário, conferimos a palavra doutrina, por meio do mecanismo palavra-puxa-palavra (PETRI, 2018), para explicitar as devidas relações entre o verbete “*liberalismo*” e “doutrina”: a acepção de “doutrina” está posta como “conjunto de princípios básicos em que se fundamenta um sistema religioso, filosófico ou político; rudimentos da fé cristã; opinião em assuntos científicos; norma”⁶. Assim, importa observar esse conjunto de princípios com funcionamento no discurso político, bem como nos interessa tal doutrina proposta pelo liberalismo como a profissão dos liberais.

Figura 5: Fotografada pelos autores de acervo pessoal.

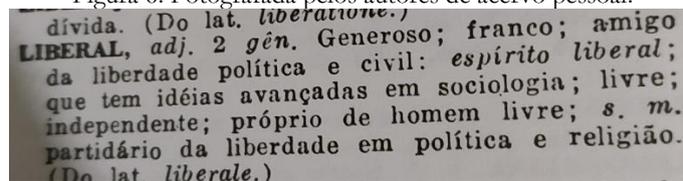


Fonte: *Dicionário Brasileiro Globo* (1952).

É então o que o sujeito-liberal segue como princípios morais indicadores de visão do/no âmbito principalmente da política, mas também filosófico e religioso com rudimentos na fé cristã. Isso quer dizer que esses princípios morais têm suas origens na crença cristã, concretizando o que havíamos especulado antes. Sendo assim, ao interpretarmos a acepção da palavra “*liberalismo*”, vemos então que os liberais, de acordo com o verbete recuperado no mesmo dicionário, são aqueles sujeitos generosos, francos, amigos da liberdade política e civil: espírito-liberal; que tem ideias avançadas na Sociologia; livre; independente; partidário da liberdade em política e religião. Percebemos que várias características são mantidas entre os dicionários em diferentes momentos sócio-históricos.

O que se atualiza, especialmente como sentido político, é o trecho “ideias avançadas em sociologia”. Podemos pensar que a estrutura rudimentar da fé cristã está próxima das ideias avançadas da Sociologia. Quais sujeitos esse estudo avançado leva em consideração? Essa liberdade religiosa é para todas as religiões? Perguntamos isso porque o discurso religioso aparece colado ao discurso político, muitas vezes parecendo ser até a mesma madeira da cerca. Mas não é. Essas reflexões mais profundas também devem ser feitas, não para descobrir a grande verdade dos bastidores, pois, “a Análise de Discurso não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 57).

Figura 6: Fotografada pelos autores de acervo pessoal.



Fonte: *Dicionário Brasileiro Globo* (1952).

Esse sistema de doutrina liberal com origens na fé cristã, no discurso político, versa, principalmente, sobre a independência, os estudos avançados em Sociologia, o próprio

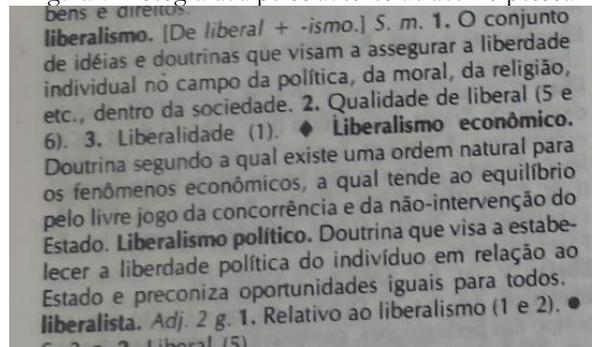
⁶ Transcrição dos autores.

homem livre, generosidade, franqueza e amizade com a liberdade política e civil. Dessa maneira, temos movimentos de repetição produzindo sentidos e nos conduzindo a moldar quais são esses princípios da doutrina do liberalismo ao longo dos séculos XVIII, XIX e primeira metade do século XX.

Novo Dicionário de Língua Portuguesa (1975)

No *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*, o verbete “*liberalismo*” comparece com um significado mais extenso. Em um primeiro momento, há a manutenção do que já sabemos sobre o verbete (retomando que é um conjunto de ideias e doutrina que visam assegurar a liberdade), mas surge uma palavra ausente até então – individual – e continua dizendo, no campo da política, da moral e da religião. Isso já nos convoca a uma outra esfera da reflexão: o que é da ordem do coletivo e o que é da ordem do individual? Não vamos pontuar aqui as diferenças entre independência e individualidade, embora seja um tema bastante provocador que poderá gerar um outro estudo.

Figura 7: Fotografada pelos autores de acervo pessoal.



Fonte: *Novo Dicionário de Língua Portuguesa* (1975).

Além dos sentidos dois e três, há grifos que colocam setores exclusivos do liberalismo: o econômico e o político. E neles nos atentaremos mais detidamente, ainda que outros discursos se achessem no percurso. Pela primeira vez, aparece “*liberalismo*” nos campos da economia e da política propriamente ditos. É como se essa casa da Vila dos Dicionários estivesse muito perto do que vamos conhecer depois como Condomínio do Discurso Político. No sentido da economia, está posto que é a doutrina segundo a qual existe uma ordem natural para os fenômenos econômicos, a qual tende ao equilíbrio pelo livre jogo da concorrência e da não-intervenção do Estado. Já no sentido político, está definido como doutrina que visa a estabelecer a liberdade política do indivíduo em relação ao Estado e preconiza oportunidades iguais para todos.

Aí temos uma atualização do sentido de “*liberalismo*”: entendido, no campo do discurso político, na época da ditadura militar (1964 – 1985), como “o governo dos militares carregava consigo uma proposta de silêncio, e utilizou a censura política como ferramenta de desmobilização e supressão do dissenso [...] combinava manejar o controle sobre a produção e a circulação de bens culturais no país” (SCHWARCZ; STARLING, [2015] 2018, p. 464). Destacamos que, a partir da década de 70, o livre jogo de concorrência, a não-intervenção do Estado e as oportunidades iguais para todos são princípios assegurados pela doutrina do liberalismo materializadas nesse instrumento linguístico. No entanto, as questões que ficam em aberto são: esse jogo de livre concorrência distribuiu as peças iguais para quais participantes? Nesse momento, a brecha

para o discurso religioso é fechada por ser um período pautado pelo militarismo? Ou a doutrina do liberalismo com origem na fé cristã ainda é permitida como “bem cultural” por esse Estado comandado pelos militares? As possíveis respostas a tais questões e os sentidos que delas ressoam vão para além dos verbetes postos nos dicionários.

É a tal liberdade econômica própria à doutrina do liberalismo que está em funcionamento, se pensarmos que o Estado estava sendo comandado pelas forças militares e as pessoas eram controladas pelo autoritarismo. Nesse caso, pode-se também dizer que o cristianismo ainda desfilava nas ruas com a “marcha pela família com Deus pela liberdade”, como vemos na captura de tela⁷ a seguir. Os sentidos se abrem e a imagem fala por si mesma.

Figura 8: “1964: marcha da família com deus pela liberdade”.



Fonte: Captura de tela feita pelos autores.

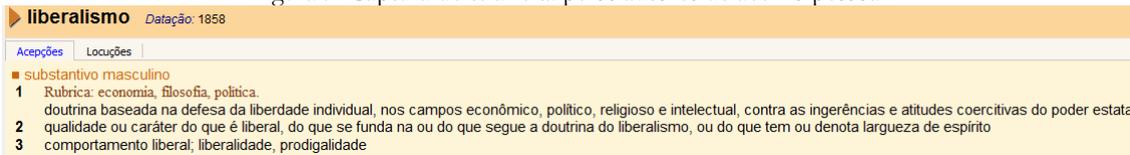
Dicionário Houaiss Eletrônico (2001-2009)

Entrando na casa do século XXI, vivendo o tempo presente, no *Houaiss*, o verbe *“liberalismo”* também começa a ser definido de modo idêntico ao instrumento linguístico anterior, o que nos remete à ideia de que os dicionários se constituem em rede, como uma doutrina baseada na defesa da liberdade individual nos campos econômico, político, religioso e intelectual. O que significa ter liberdade individual no campo intelectual, se a intelectualidade é desenvolvida no intelecto, na faculdade de aprender, ou no espírito; e já vimos que tanto o espírito cristão quanto o espírito revolucionário só acontecem ao serem pensados no coletivo. Vale pontuar aqui a mudança no “tipo das madeiras” que fazem as cercas da Vila. A partir do *Houaiss*, entramos em instrumentos digitais que podem ou não funcionar de forma diferente. Ainda que digital, é um dicionário eletrônico e não on-line, por isso ele (re)produz esse efeito de estático no tempo.

Nessa acepção também comparece o “contra”, que ainda não havia sido posto em funcionamento, para referir às ingerências e atitudes coercitivas do poder estatal. O que se tinha até então era o “em relação”. Depois, surge como qualidade, o caráter do que é liberal, e coloca como característica liberal tudo aquilo que se funda na/que segue a doutrina do liberalismo, ou do que tem ou denota largueza de espírito. E, por último, é definido como um comportamento liberal; liberdade e prodigalidade.

⁷ Captura de tela feita a partir do vídeo “1964: marcha da família com deus pela liberdade”. Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/35024_1964-marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade.html. Acesso em: 12 abr. 2021.

Figura 9: Captura de tela feita pelos autores de acervo pessoal.



Fonte: *Dicionário Houaiss Eletrônico* (2001-2009).

Percebemos que aquele discurso inicial dos séculos XVIII, XIX e da primeira metade do século XX já se modificou. Neste momento, liberalismo está imerso no discurso político, relacionado diretamente como contrário às atitudes coercitivas do poder estatal. É possível afirmar que, nos dicionários de Língua Portuguesa do século XXI, “liberalismo” não tem mais uma ligação forte com generosidade, arte intelectual, estudos de Sociologia. É interessante destacar que parte do comportamento próprio ao liberalismo é a prodigalidade – que resume em uma palavra todas aquelas características que antes tinham destaque e prioridade na acepção. Será que o discurso religioso foi embora? Essa vontade de liberdade expressa em algumas décadas atrás não existe mais? Já foi plenamente alcançada? Ou o discurso político e o discurso religioso permanecem dividindo terreno entre suas cercas espaçadas?

Outro destaque interessante que o *Houaiss Eletrônico* permite é saber a datação do primeiro registro da palavra em circulação nos instrumentos linguísticos. Sendo assim, “liberalismo” aparece na Língua Portuguesa pela primeira vez em 1858, data muito próxima ao dicionário de 1891, o *Novo Dicionário Universal Português*, nos fazendo essa retomada de “princípios liberaes professorados pelos liberaes com base na fé cristã”. A palavra “*liberalismo*”, portanto, já surge com muitos sentidos (político, religioso, filosófico, econômico) se movimentando por sua volta e passando entre seus poros e vãos, muitas vezes batendo de frente, produzindo outro(s), caminhando em sincronia.

Dicionário Aulete Online (1881-2021)

Aqui muda mais a madeira das cercas do dicionário *Aulete Online*. Até então, tínhamos instrumentos linguísticos estáticos. No entanto, agora precisamos observar também a noção de colaboratividade na produção de dicionários (FREITAS, 2020, p. 17) “que traz novas especificidades para a produção desse instrumento, seja pela possibilidade de que dicionários, na construção de toda base de dados, que passa a ser construída colaborativamente”.

No *Dicionário Aulete Online*, ainda, é possível identificar o efeito de autoria pois “foi desenvolvido a partir da intersecção entre o modelo editorial e colaborativo” (FREITAS, 2020, p. 117). Sendo assim, no penúltimo dicionário visitado, de 2021, liberalismo tem várias conotações e, já inicialmente, vemos a primeira acepção como “economia, política e filosofia”. Percebemos que a religião não é uma prioridade a nível de destaque para o sujeito-autor, sobretudo se olharmos pela estrutura textual pensada principalmente por lexicógrafos. No *Dicionário Aulete Online*, o verbete nesse momento significa uma doutrina que se baseia na liberdade individual, econômica, política, religiosa e intelectual dentro da sociedade e contra as intervenções coercitivas do Estado, e mais, afirma-se também que as

origens dessa doutrina têm base nos escritos do filósofo John Locke (1632-1704), que tinha como fundamento a liberdade do ser humano.

Figura 10: Captura de tela feita pelos autores.

liberalismo

(li.be.ra./is.mo) AAA

sm.

1. **Econ. Fil. Pol.** Doutrina que se baseia na liberdade individual, econômica, política, religiosa e intelectual dentro da sociedade e contra intervenções coercitivas do Estado [As origens dessa doutrina remontam ao escritor inglês John Locke (1632-1704), que tinha como fundamento a ideia da liberdade do ser humano.]
2. Qualidade ou condição de quem é liberal.
3. Comportamento que revela prodigalidade, liberalidade.
4. **Rel. Teol.** Tendência a questionar, do ponto de vista da razão, doutrinas e dogmas comumente aceitos, visando aos métodos comuns de interpretação à Bíblia e a outros textos sagrados.
[F.: *libera(l) + -ismo.*]

1 **Econ.** Doutrina liberal aplicada à economia, fundamentada na ideia da livre competição, do predomínio da oferta e da procura na determinação dos preços e das relações econômicas, da não intervenção do estado na economia etc.

Liberalismo político

1 **Pol.** Doutrina fundamentada na ideia de liberdade política individual em relação ao Estado, com igualdade de oportunidades para todos.

Fonte: *Dicionário Aulete Online* (1881-2021).

Além desse significado, há outras acepções que aparecem como atualização. Na segunda e terceira acepções, mantém-se o que já estava no *Houaiss Eletrônico*, mas na quarta se apresenta um sentido religioso e teológico que toma o liberalismo como uma tendência a questionar, do ponto de vista da razão, doutrinas e dogmas comumente aceitos, visando aos métodos comuns de interpretação à Bíblia e a outros textos sagrados. Percebemos que, do ponto de vista religioso, o liberalismo é uma doutrina com princípios que questiona outras doutrinas e dogmas com base na Bíblia.

E, finalmente, sem perder de vista nossos ternos azuis, as acepções que dizem respeito à política e à economia moram muito próximas de novo. Ao relacionar-se com a economia, liberalismo é uma doutrina aplicada à economia, ou seja, uma série de preceitos que se baseiam na liberdade individual contra intervenções coercitivas do Estado como definido anteriormente, fundamentada na ideia da livre competição, do predomínio da oferta e da procura na determinação dos preços e das relações econômicas. Já na política, no liberalismo político, o significado é semelhante ao econômico, mas se afirma ainda que essa doutrina fundamentada na ideia de liberdade individual em relação ao Estado deve ser vista com igualdade e oportunidade para todos.

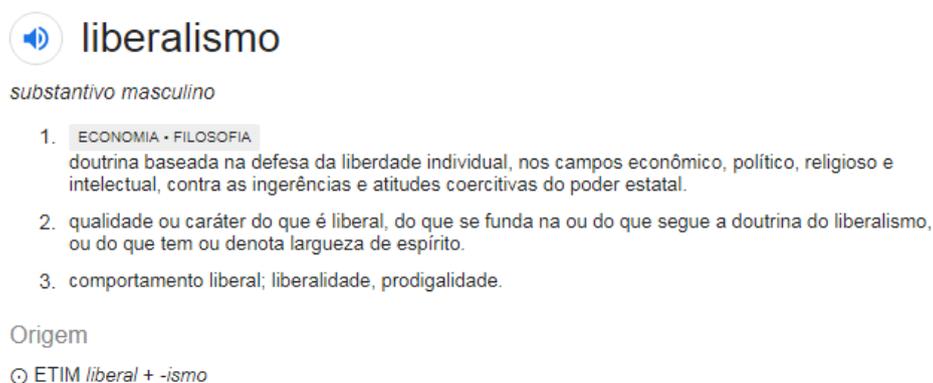
Há também uma atualização e recuperação no significado de liberalismo como comportamento que revela, no mínimo, dois sentidos: primeiro, o ato de repartir ou oferecer a fartura, retomando a generosidade que se apequena durante o passar dos séculos; e segundo, o sentido de abundância, fartura e grande quantidade de algo valoroso. Para exemplificar o movimento do sentido da palavra “*liberalismo*”, vamos lembrar as cercas: em algumas casas, a distância entre uma madeira e outra é maior, em outras, é menor. Quanto mais aberta, mais nos permite interpretar, e quanto mais o autor tenta manter o

controle dos sentidos no dicionário, maior é a ilusão de completude e segurança. Essa é também uma característica da cidadezinha que adentramos.

Google Dictionary (2021)

Por último, temos o dicionário da Empresa *Google* que traz, de início, a palavra liberalismo diretamente ligada à “Economia + Filosofia”, isso sinaliza que a doutrina do liberalismo é uma das filosofias unidas ao campo de economia. Mostra também que o sentido político some de início. Nos questionamos se essa é uma possibilidade entre as existentes ou a única? Afinal, como se dá o efeito de autoria? De acordo com o professor Ronaldo Adriano de Freitas (2020, p. 110), ele está ligado à tecnologia do banco de dados – que permite que as páginas sejam geradas colaborativamente, eliminando a necessidade de um especialista para a publicação de conteúdo. Nesse instrumento linguístico, identificamos então uma outra metodologia de produção do conhecimento sobre a língua, e isso certamente intervém nos sentidos que ali se produzem. Tais bancos de dados não só aproveitam o que está disponível em outros dicionários, mas também aproveitam outros dados. Por isso, consideramos o *Google* “como um dicionário automatizado” (FREITAS, 2020, p. 117) que projeta os mecanismos [...] produzindo uma automatização da instrumentalização linguística pela algoritmização da metalinguagem” (FREITAS, 2020, p. 20). Talvez esse modo de se produzir dicionários também tenha a ver com os modos de pensar e realizar pesquisas neste início de século. É algo para refletirmos...

Figura 11: Captura de tela feita pelos autores.



liberalismo

substantivo masculino

- ECONOMIA • FILOSOFIA**
doutrina baseada na defesa da liberdade individual, nos campos econômico, político, religioso e intelectual, contra as ingerências e atitudes coercitivas do poder estatal.
- qualidade ou caráter do que é liberal, do que se funda na ou do que segue a doutrina do liberalismo, ou do que tem ou denota largueza de espírito.
- comportamento liberal; liberalidade, prodigalidade.

Origem

© ETIM *liberal* + *-ismo*

Fonte: *Google Dictionary* (2021).

Nele, mantém-se a acepção da palavra como uma doutrina que defende a liberdade individual nos campos econômico, político, religioso e intelectual contra as ingerências coercitivas do poder estatal. Nas outras duas acepções, não é diferente, apresentam caráter do que é liberal e se funda ou segue a doutrina do liberalismo e tem ou denota largueza de espírito. No entanto, vale entrarmos nessa fórmula que o *Google* nos alerta de “Economia + Filosofia”, para, assim, materializarmos melhor a história da palavra “*liberalismo*” e os modos como ela se realiza na atualidade.

Reunião da comunidade dicionarística

Quem faz a cerca quer a sensação de limites, organizações de privacidade. Então, muda-se a cerca regularmente: a largura, a altura, buscando o formato que sacie mais o desejo de controle, mas ainda podemos pular essa cerca, porque isso é uma metáfora e não a vida real. Entre esses oito dicionários de Língua Portuguesa, percebemos que as acepções de liberalismo se mantêm dicionarizadas, conforme os séculos passam, de maneiras distintas, mas próximas. Desdobramentos se efetivam por diferentes razões, sejam elas ideológicas ou seguindo dada conjuntura histórica e sob dadas condições de produção. As aberturas para interpretação oscilam, são portas remetendo à metáfora dos muitos tipos de cercas, são muitas significações diferentes, mas todas com estacas comuns entre si. E isso reflete nas materialidades discursivas. Por exemplo, a generosidade vem do século XVIII até século XXI com outros nomes como “amigo de dar”, “com prudente moderação dá dinheiro ou coisa que valha”, “largueza de espírito”, “oportunidades iguais para todos”; em alguns momentos essa ação solidária aparece mais destacada, em outros, menos. Vezes mais espaçada, vezes mais comprimida. No entanto, ela ainda está lá como um dos preceitos da doutrina do liberalismo.

Com o passar do tempo, temos acesso a um pouco da história, via dicionários. Alguns sentidos repetem-se, contudo, algumas atualizações também são feitas, por exemplo, do século XVIII para o século XIX – nos momentos em que a palavra liberalismo ainda não estava dicionarizada –, liberal passou de ser esse sujeito generoso e pródigo para um sujeito não servil que é franco, ou seja, isento de determinadas obrigações. Não obstante, ao ser dicionarizado, o verbete “*liberalismo*” também passa por uma busca histórica para entender como funcionou em vários momentos e a quem servia falar ou não em liberalismo em determinada época. Se retornarmos às figuras, perceberemos que “*liberalismo*” começa apenas como um conjunto de ideias ou princípios professados por liberais, passando para uma doutrina dos partidários da liberdade política e religiosa e estagnando, mais ou menos, na doutrina que estabelece a liberdade política individual em relação ao Estado. No entanto, esse discurso político que procuramos/perseguimos em oito dicionários esteve sempre vinculado a uma concepção de liberdade baseada em princípios religiosos fundamentados pela fé cristã.

Por ora, podemos dizer que conseguimos compreender parte da “surpreendente história da palavra” (PETRI, 2018) “*liberalismo*” nos últimos séculos. Observando as relações da palavra com suas atualizações/manutenções – da ordem histórica e ideológica. Assim, terminada a jornada na Vila dos Dicionários com cercas de madeira, nos direcionamos para outro espaço possível de conseguir nossa esmola, o do discurso político na contemporaneidade. E, para isso, precisamos mudar a vizinhança, não tocaremos o discurso pelas cercas de madeira. Na verdade, a seguir, buscaremos na fala de um Ministro de Estado, os sentidos atualizados e em pleno funcionamento, produzindo um gesto de leitura sobre o que está significando a palavra “*liberalismo*” nessas condições de produção. Pretendemos assim entender um pouco mais, para além da história da palavra, o funcionamento dela no discurso político brasileiro do século XXI.

Explorando a região do Condomínio com muros de vidro

Precisamos lembrar que o objetivo desta pesquisa é investigar a história das palavras que fazem do discurso político o que ele é no início do século XXI e, para isso,

não basta apenas explicitar e promover um gesto analítico sobre as palavras como estão dadas pelos instrumentos linguísticos através dos séculos. Também é necessário recuperar os sentidos outros da palavra “*liberalismo*” para entendermos o que ela significa no Brasil do ano de 2021. Sendo assim, os muros de vidro aqui estabelecem uma relação dialética (comparativa e de oposição) com as cercas de madeira. Enquanto as cercas podem aumentar e diminuir sua área, os muros de vidro podem trazer a sensação de transparência, mesmo sendo opacos (eles podem até se quebrar, se pressionarmos com força), mas podem ser um ótimo observatório. A tensão dentro do muro de vidro é complexa e os vidros, se quebrados, podem machucar pessoas, mas precisamos dessa esmola. Sendo assim, podemos nos arriscar a fazer a relação do muro de vidro como aquele espaço que é um ótimo observatório, mas um lugar que necessita precisão e atenção, foco, não apenas boa vontade e a generosidade porque esse muro de vidro pode revelar imagens distorcidas do que se passa do outro lado, seja de fora para dentro ou de dentro para fora.

Justamente por isso, precisamos compreender também como é o país do povo brasileiro desses dias e sob quais condições de produção se dá/apresenta o discurso político. Para tanto, vamos partir de um evento interativo ocorrido no *site* do senado⁸, cujo título é “*Audiência com o Ministro da Economia, Paulo Guedes, sobre as medidas do governo durante a pandemia do novo coronavírus*”. Tal pronunciamento foi realizado em formato de *live*, no dia 30 de maio de 2020, a partir das 10 horas da manhã. Nessa audiência, foram discutidas estratégias para o combate do Coronavírus, causador da pandemia que, à época, estava na fase inicial. Importa destacar que, quase um ano depois, podemos observar os problemas que a pandemia causou no país, posto que, até o momento (abril de 2021), já causou mais de 300 mil óbitos de brasileiros vítimas do Coronavírus.

A reunião on-line foi transmitida pelo *site* do senado, com o título de “*16ª Reunião – Remota*”, como atividade legislativa na aba do *site* institucional que corresponde à parte das comissões com os deputados federais integrantes da CN-Covid19 – o comitê, em âmbito nacional, é responsável por lidar com os assuntos relacionados à pandemia.

Figura 12: Captura de tela feita pelos autores.



Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/reuniao?reuniao=9787&codcol=2342>. Acesso em: 16 abr. 2021.

Ainda na contextualização, vamos analisar os momentos em que o sujeito-ministro usa a palavra “*liberalismo*”. Conseguiremos efetivamente tocar o discurso político, visto que “as palavras falam com outras palavras [...] toda palavra é sempre parte de um discurso [...] e todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam

⁸ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoaudiencia?id=18507>. Acesso em: 28 mar. 2021.

na memória” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 41), memória essa já recuperada parcialmente nos oito instrumentos linguísticos analisados.

Para a análise, foram transcritos⁹ recortes da fala do Ministro e divididos em três trechos da videoconferência. Nossa pretensão é tomá-los para apreender o contexto momentâneo e histórico da situação. Portanto, inicialmente, pode parecer que são sequências discursivas longas, e de fato são. Porém, apenas com os recortes mais curtos não seria possível compreender a complexidade do discurso.

Aos trinta e nove minutos de audiência, o Deputado Francisco Júnior (PSD-GO) questiona o Ministro Paulo Guedes sobre os recursos que estão sendo utilizados na pandemia, uma vez que eles vêm dos impostos pagos pelo povo em valores significantes e suficientes, e finaliza apontando a reclamação dos governadores sobre a falta de coordenação em aspectos como: a compra centralizada dos insumos e a falta dessa coordenação na política nacional. Paulo Guedes responde a essa indagação com o seguinte discurso:

“Nós, como sociedade, estamos aprendendo muito porque, por exemplo, por um lado, dispor de sistemas descentralizados de saúde, assistência social, foi muito bom porque, por exemplo, você derrama o recurso ali e ele vai na ponta rapidamente, você tem a transferência fundo a fundo. Você dá o dinheiro pro SUS (Sistema Único de Saúde), o dinheiro vai direto para as filantrópicas, para todo mundo que também trabalha com essa área social. Então isso é a grande vantagem. Por outro lado, você perde o contato com esses recursos, porque o recurso desceu, aquilo é uma tubulação, um encanamento, aquilo vai descendo, e você vai perdendo a visão que eu acho que é um mérito da democracia, uma divisão de trabalho, é um aprendizado realmente. Por um lado, a gente não sabe até onde vai nossa coordenação, até aonde vai a nossa formulação e derrama os recursos. Vigiar a efetiva realização já é lá em baixo, é o dinheiro na ponta. Isso só confirma a nossa crença do pacto federativo, de reafirmar a importância de descentralizar atribuições e recursos. É o impossível alguém de Brasília saber como é que o prefeito de Caxias vai usar esses recursos. Nós não temos essa visibilidade, nem essa pretensão. Realmente, nós dependemos dessa rede de governabilidade que nós construímos que se chama a República Federativa do Brasil. Nós temos que apostar na democracia. Então vai haver um desvio aqui, vai haver um sobrepreço ali. Existe realmente deficiências. Uma compra centralizada realmente favorece, você consegue um desconto de preço maior, mas por consequência o país inteiro fica esperando o governo central comprar coisas quando ele mesmo já poderia estar comprando. Então a gente está aprendendo com essa crise a aperfeiçoar o funcionamento desse organismo complexo que é a administração pública que não é simples. Acho que vamos sair do lado de lá mais fortes e conhecendo o funcionamento de nossa própria máquina e corrigindo as deficiências.”

No trecho anterior, percebemos o reconhecimento desse sujeito-ministro sobre os possíveis desvios de verba, mas não parece ser um problema para ele a perda de controle quando o dinheiro desce pela tubulação, afinal, no liberalismo, não há necessidade de controle do Estado, e o indivíduo se sobressai ao coletivo. Em um primeiro momento, é compreensível que alguém não tenha o controle do dinheiro público, isso convence. No entanto, nos perguntando, pela segunda vez, nos pusemos a entender os furos que fazem o recurso vazar pela tubulação, então questionamos: será que essa tubulação não precisa de outras perspectivas que não a atual? Logo veremos que o posicionamento filosófico, político e econômico desse sujeito é pautado pelo liberalismo. Sendo assim, será que essa tubulação cheia de furos não pode mesmo ser aprimorada? Ou a corrupção do nosso modelo econômico e político precisa ser pautada pela doutrina do liberalismo?

⁹ Transcritos pelos autores.

Seguindo as instruções do *site* do governo federal, “Entre as atribuições do ministério estão a administração financeira e a contabilidade pública, desburocratização, gestão e governo digital, fiscalização e controle do comércio exterior, previdência e negociações econômicas e financeiras com governos, organismos multilaterais e agências governamentais”¹⁰. Então a contradição se dá, o Ministro da Economia não faz a administração financeira e a contabilidade pública. Pela doutrina do liberalismo, proposta pelo Ministro, isso faz sentido, afinal o Estado não deve tirar a liberdade do indivíduo. Porém, ao buscarmos a etimologia da palavra “economia”, encontramos que “eco” vem do grego “*oikos*” significando casa, lar, meio ambiente, e “nomia” que vem do “*nomos*” significando “lei” ou “ordem”¹¹. Sendo assim, a chamada doutrina do liberalismo está funcionando, está sendo capaz de abraçar toda ordem que a nossa casa, ou país, precisa? Os muros de vidro, que pareciam ser nítidos, talvez não sejam tanto assim para quem passou pela Vila dos Dicionários.

A discussão virtual do comitê continua. O deputado Reginaldo Lopes (PT-MG), no tempo de uma hora e dez minutos da reunião, afirma que a crise é sistêmica quando diz sobre uma política de regulamentação de Estado forte, mas não apenas para os mais ricos – ressaltando que a crise pandêmica coloca o Estado no centro das soluções e dos debates políticos. Ele finaliza dizendo que precisamos buscar, no pós-pandemia, rever a omissão disfarçada de descentralização da parte do governo federal. Paulo Guedes assim responde:

“Eu estou de acordo, deputado, que um Estado forte é um Estado com foco nos mais fracos. Existe muito isso “ab são liberais”, “Estado mínimo” e tal. A liberdade só é possível quando a gente fala da liberdade política, liberdade econômica, isso não é possível sem um Estado democrático, em um Estado de direito, se não houver essa assistência aos mais frágeis. O Estado que nós queremos é um Estado forte, ele não é necessariamente um Estado grande, o nosso Estado é um Estado grande, obeso, ele tenta fazer eletricidade, não consegue com eficiência e acaba perdendo as estatais, tenta entregar a carta, a carta não chega e também foi foco de corrupção [...]”

Nesse momento, começamos a ver concretamente, através do discurso, a ideologia liberal em que o sujeito-ministro-da-economia está inscrito, pois “a ideologia [...] é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 44). Portanto, o Ministro, ao falar que a liberdade não é possível sem um Estado forte, com foco nos mais fracos e, em seguida, dizer que precisamos de um Estado forte, mostra/explicita/permite compreendermos que os ideais liberais só sobrevivem quando há um Estado que os mantenha apoiados, mas não grande, apenas forte. Será que essa força é usada para o individual e não para o coletivo e, por isso, se fala em Estado forte e não em Estado grande? A posição desse sujeito-liberal, em tensão com o “Estado obeso”, argumenta que o Estado tenta entregar cartas e não consegue – referindo-se à empresa estatal dos Correios – ou que tenta fazer eletricidade e não consegue com eficiência também. Segundo o Ministro, esse fenômeno faz com que as estatais não sobrevivam. Estaria ele em sincronia com a doutrina proposta pelo liberalismo ou estaria omitindo que os princípios liberais não dão conta de pôr ordem em um lar tão grande e obeso? Encaminhando-se para o final da reunião, Paulo Guedes fala a respeito da crise no pós-pandemia a partir de uma visão pautada na ideologia do liberalismo. Assim ele finaliza:

¹⁰ Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2019/01/estrutura-do-ministerio-da-economia-entra-em-vigor>. Acesso em: 16 abr. 2021.

¹¹ Disponível em: <https://direito.legal/direito-publico/origem-do-termo-economia/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

“Um economista com boa formação, por exemplo eu. Você se torna um liberal ao longo de muitas décadas. Fazer um socialista leva cinco minutos porque ter um bom coração, querer ajudar os outros, isso tá nas grandes religiões, isso tá na solidariedade, na fraternidade, nós nascemos assim. O liberalismo já é uma coisa intelectualmente mais sofisticada, você tem que compreender que às vezes você precisa justamente reforçar a liberdade pessoal de empreender, a liberdade de ter uma opinião diferente da tribo para você inovar. Então é uma coisa mais difícil, mais lenta, é um amadurecimento mais lento. Não é coincidência que os maiores liberais foram, quando jovens, socialistas e foram se aprofundando intelectualmente, estudando mais e percebendo essa conquista da civilização humana que é justamente a liberdade de empreender, de ter uma opinião diferente, e boa parte da humanidade ainda vive administrada sob regime totalitário. Então, isso é uma reflexão para nós. Essa luta entre as grandes sociedades abertas e as sociedades dirigistas é secular, de um lado, você tinha Atenas, sofisticada, liberal e cosmopolita, e você tinha uma cidade guerreira que era Esparta e, quando Esparta vence Atenas na guerra do Peloponeso, a Grécia começa a descer e desceu até hoje, não conseguiu mais retornar. Então, essa reflexão é importante porque o liberalismo não é uma coisa “inconsequência”, de repente alguém quer ganhar dinheiro. Não. Nada disso. É uma conquista intelectual que leva séculos. Eu, por acaso, já tinha estudado bastante sobre essas convicções, tinha estudado bastante Keynes¹², James Tobin, todos os (inaudível...) eram parte do nosso currículo, da nossa formação. Depois você vê o outro lado, o lado justamente dos novos clássicos, da turma que acredita que eram os clássicos.”

Atentemos à fala do sujeito-liberal que afirma “você se torna um liberal ao longo de muitas décadas” e, em seguida, diz que a reflexão sobre o liberalismo “é uma conquista intelectual que leva séculos” e termina dizendo “depois você vê o outro lado [...] da turma que acredita que eram os clássicos”. Na perspectiva materialista da Análise de Discurso, “a evidência do sentido – a que faz com que uma palavra designe uma coisa – apaga seu caráter material, faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam como uma dominante” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 44). Por isso, entendemos que os sentidos de “liberalismo” ultrapassam as cercas de madeira e quebram os muros de vidro. Nossa esmola é muito rica em sentidos e entrelaça muitos deles na composição dos discursos político, religioso, filosófico, econômico e teológico, que se movem às vezes mais nítidos, às vezes mais embaçados.

Evento na cidadezinha: encontro entre quem vive dentro das cercas de madeira e quem vive entre os muros do vidro

Com tanta esmola que conseguimos ao longo do artigo, propomos construir um evento na cidade da palavra “liberalismo” e convidamos os homens de ternos azuis, o mendigo com sua família, a comunidade da Vila dos Dicionários e a turma do Condomínio com muros de vidro para debater o rumo dessa cidade. Tendo em vista os diversos artefatos que contribuem para a construção do discurso político, tal como ele é no século XXI, podemos refletir então sobre o que está amparada uma economia baseada na doutrina do “liberalismo”.

O Brasil do início do século XXI é um país pautado em princípios liberais, porque, sim, somos solidários; ajudamos ao próximo sempre que podemos, assim como os banqueiros fizeram com o mendigo, não por bondade, mas pela narrativa que o mendigo usou para distorcer a situação e beneficiar-se. No entanto, esse mesmo Brasil também é liberal economicamente quando o Ministro da Economia aplica praticamente essa filosofia

¹² John Maynard Keynes.

com fundamentos na fé cristã, e o que acontece? O que significa estar apoiado nos clássicos e não nos novos clássicos?

Entendemos que o analista de discurso, ao estudar o discurso, “diferencia-se da Linguística porque não trabalha com as marcas (formais) mas com propriedades discursivas (materiais) que referem a língua à história para significar (relação língua-exterioridade)” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 88). Justamente por isso, entendemos que o discurso político reflete as práticas políticas, e o poder de um sujeito-ministro de colocar ordem no país não deveria partir de uma doutrina que, por mais que seja generosa, não pensa no coletivo e se opõe à ideia de Estado forte, pois regula a forma de vida da sociedade brasileira. Então, ao falar em Estado mínimo, mas “forte”, o que se está dizendo é que aqueles que têm condições materiais de se manter podem crescer ainda mais, enquanto todos aqueles marcados historicamente por uma desigualdade já saem prejudicados nessa “corrida selvagem” que é a civilização, de acordo com o sujeito-ministro, ao falar que liberdade é “justamente reforçar a liberdade pessoal de empreender, a liberdade de ter uma opinião diferente da tribo para você inovar”.

Voltemos aos escritos do filósofo John Locke, apresentados brevemente no *Dicionário Aulete Online*. Vale dizer que, nesse retorno ao passado, a história é um ato crítico e não revisionista, pois “a sociedade muda, os sentidos mudam, mas o dicionário pode manter um imaginário que já não se sustenta” (NUNES, 2010, p. 9) – e nós complementamos dizendo que esse imaginário está dado também como arquivo para analisarmos. Se essa formação discursiva se mantém/atualiza para refletirmos sobre essa estrutura (doutrina do liberalismo), deve ser reformada ou deve ser substituída talvez pelos “novos clássicos”, há também a possibilidade de produção de novos saberes que possam gerar outras tomadas de posição-sujeito.

Abordamos diferentes discursos, produzidos em condições sócio-históricas diversas, o que nos conduz a entender que outros momentos exigiram modelos próprios à sua época e não receitas prontas importadas. Os mendigos que ficavam na Igreja entenderam que conseguiriam muito mais dinheiro se fossem para a frente do banco contar “boas” histórias. Será que esses ternos azuis não compreenderam que, para que sejam ricos, precisa haver pessoas pobres? O Ministro da Economia utiliza a força do Estado tendendo a qual sentido de “*liberalismo*”? Entendemos que um país da dimensão do Brasil, com a pluralidade de religiões e colonizações que há, não consegue se adaptar a uma doutrina pensada no/para o contexto europeu do século XVIII. No entanto, como já demonstramos antes, a doutrina dos princípios do liberalismo, nesse período, é ligada diretamente à liberdade civil e política, representada especialmente por Médicos, Advogados e Professores da época, e tem fundamento sobretudo nas artes que requerem estudo e aplicações inteligentes por oposição às artes mecânicas. O nó que prende essas duas manchetes no mesmo momento histórico está em ter uma religião (a cristã) como base para organizar um país que se coloca como laico e que tem diversas religiões coexistindo?

O discurso religioso, mais especificamente cristão disfarçado de discurso político, é o que queremos para a democracia brasileira? Concordamos com esse pensamento individualista contra o Estado, no qual a civilização é tomada como um conjunto de tribos a guerrilharem (como Atenas e Esparta fizeram)? Acreditamos que o Estado, ou a Cidade do Liberalismo, se baseado(a) em uma doutrina economicamente individualista, apoiado(a) principalmente na fé cristã, não faz do seu povo um grupo forte.

Para organizar o nosso lar, ou cumprir os deveres de um sujeito-ministro-da-economia, é melhor colocar alguém que não reconhece o Estado como entidade máxima de regulamentação, mas se apoia nele para regulamentar, ou alguém que entende o Estado como grande ao ponto de distribuir igualmente as riquezas do país, com base no trabalho e não na crença, e sem falhas na tubulação? Como vimos, primordialmente, o liberalismo não foi uma filosofia pensada propriamente para entender a manutenção do Estado, pois, de acordo com a história da palavra, foi uma teoria econômica fundada principalmente com o objetivo de ser oposição a ele.

Referências

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, [1986] 2009.

DIDEROT, D.; D’ALEMBERT, J. **Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers**. Paris: Briasson, David, Le Breton, Durand, 1751-1772. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50541z/f461.item>. Acesso em: 16 abr. 2021.

FREITAS, R. **Instrumentação linguística em Rede**: análise discursiva de dicionários online. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense; Niterói, 2020.

NUNES, J. Dicionários: história, leitura e produção. **Revista de Letras** (Taguatinga), v. 3, p. 06-21, 2010. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewArticle/1981>. Acesso em: 16 abr. 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. São Paulo, Campinas: Pontes Editores, [1999] 2015.

PETRI, V. A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do “gaúcho”. **Revista Letras** (PPGL – UFSM), n. 3, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11989>. Acesso em: 16 abr. 2021.

PETRI, V. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Conexão Letras**, v. 13, n. 19, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/85032>. Acesso em: 16 abr. 2021.

PETRI, V. O que pode uma palavra? Reflexões sobre a história da palavra dicionarizada produzindo efeitos de sentidos na contemporaneidade. *In*: PETRI, Verli; GUASSO, Kelly; COSTA, Thaís; FREITAS, Francine de. (Org.) **Dicionários em análise**: palavra, língua, discurso. Campinas: Pontes, 2020.

SCHWARCZ, L; STARLING, H. **Brasil**: uma biografia. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VERISSIMO, L. **Aquele estranho dia que nunca chega**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

Dicionários consultados

ALMEIDA, F. **Novo Dicionario Universal Portuguez**. 1. ed. Lisboa: Livraria Editora, 1891.

AULETE, F. **Dicionário Aulete Online**. Lisboa: Editora Lexicon, 1881 a 2021.

CARVALHO, A.; DEUS, J. **Dicionario Prosodico de Portugal e Brasil**. Lisboa: Editores-proprietários Pacheco e Barbosa; Rio de Janeiro: Lopes do Couto e Filhos, 1878.

FERNANDES, F. **Dicionário Brasileiro Globo**. 8. ed. Brasil: Editora Globo S.A., 1952.

FERREIRA, A. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GOOGLE **Dictionary**. Brasil, 2021. Disponível em: www.google.com Acesso em: 20 mar.2021.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SILVA, A. **Dicionario da Língua Portugueza**. 2. ed. Composto pelo Padre D. Rafael Bluteau/ reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Lisboa: na Officina de Simao Thaddeo Ferreira, 1789.